

## LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: O CINEMA FANTÁSTICO E A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Maria Beatriz Andrade Fernandes

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; [beatrizandrade.geo@gmail.com](mailto:beatrizandrade.geo@gmail.com)

**Resumo:** A utilização de filmes como recurso didático dentro da educação brasileira data da década de 1920. Nestes anos, a produção cinematográfica passou a ser reconhecida como um recurso didático funcional, o que abriu espaço para a utilização desta ferramenta artística dentro da sala de aula. Desde então, o uso da cinematografia dentro da escola vem sendo explorado a fim de contemplar a realidade dos estudantes da educação básica e proporcionar a efetivação do processo ensino-aprendizagem. Este artigo busca analisar a utilização de filmes do gênero fantasia como ferramenta facilitadora do ensino dos componentes curriculares de Geografia do Ensino Fundamental, possibilitando uma análise do espaço geográfico através da leitura das paisagens que compõem o cenário de filmes fantásticos, além de trazer para o alunado reflexões contextualizadas acerca de sua criação e produção, dinamizando assim o aprendizado do conteúdo e ampliando o leque de criticidade dos estudantes.

**Palavras-chave:** ensino fundamental, recursos fílmicos, cinema fantástico.

### Introdução

Quando precisou lecionar para trabalhadores rurais, em Angicos no Rio Grande do Norte, Paulo Freire não chegou com livros grossos e aulas longas de repetições sistemáticas. Ele utilizou como sua aliada a própria realidade de seus alunos, sem torna-los robôs de repetição. As palavras utilizadas no processo de alfabetização dos jovens e adultos faziam alusão ao trabalho de cada um deles, o que tornava mais fácil sua identificação com o conteúdo ministrado. Nessa empreitada, Freire conseguiu alfabetizar 300 trabalhadores em 40 horas e ainda foi considerado o responsável pela primeira greve que seus alunos fizeram contra os fazendeiros locais, em 1963.

A experiência freiriana de alcançar a cotidianidade do aluno rompeu com a hierarquização das relações em sala de aula, visto que não se ausentou dos componentes da vida de seus alunos e aproximou os discentes do saber a ser construído. Ao se utilizar deste mesmo mecanismo de relacionar o conteúdo que está sendo ministrado com a realidade dos educandos, o professor pode procurar encaixar os filmes que fazem parte do catálogo admirado por seus alunos e trabalhar neles a perspectiva geográfica de mundo, rompendo com o conteudismo e saltando para uma realidade de aprendizagem mais efetiva, assim como a de Freire que educou para a vida.

Conseguir apropriar-se daquilo que faz parte do cotidiano de seus alunos e transformar isso em um recurso pedagógico para efetivar o processo ensino-aprendizagem exige do

professor um trabalho científico, visto que a construção didática vem da contemplação das dinâmicas de sala de aula. O objetivo deste artigo é explorar o cinema como este recurso pedagógico, compreendendo como o professor pode pesquisar e adequar o seu uso e analisando as formas que o filme do gênero Fantasia pode ser utilizado no ensino de Geografia do Ensino Fundamental II.

## **Metodologia**

Esta pesquisa de caráter qualitativo e explicativo contou com um levantamento bibliográfico para maior aprofundamento do tema, buscando trazer os elementos intrínsecos à ciência Geográfica e como estes são representados dentro do cinema. A bibliografia utilizada também procurará explorar como as ferramentas fílmicas podem ser usadas dentro de sala de aula de maneira efetiva partir do trabalho de pesquisa realizado pelo professor.

## **Resultados e Discussão**

### **O Cinema em classe**

A cinematografia não é um dos métodos didáticos mais recentes. Documentários, filmes bibliográficos e adaptações de clássicos da literatura sempre foram utilizados para o ensino das mais diversas ciências. A popularização desta ferramenta artística, segundo Rossini (2006) começou em:

[...] fins do século XIX, o cinema passou a atrair a atenção do grande público, tornando-se, ao longo do século XX, uma imponente indústria produtora e difusora de sonhos, comportamentos, memórias, versões de histórias. Ao cinema, em meados daquele século, veio juntar-se a televisão, que rapidamente se tornou o principal meio de comunicação de milhares de pessoas ao redor do mundo. (p. 113-114)

O cinema evoca a cultura nas mais diversas formas de linguagem e por isso trabalhá-lo na escola é importante para desenvolver no aluno a criticidade através da análise artística da ciência. Napolitano (2013) ressalta que:

[...] Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre algumas possibilidades para o trabalho escolar [...]. (p.11-12)

Porém, o mesmo recurso que pode ser útil na facilitação do conteúdo e na construção de uma visão geográfica de uma realidade, também pode se mostrar ineficiente quando não é aplicado com um propósito bem estabelecido. Campos (2006), afirma que:

O filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo. Estabelecer mediações sobre as relações entre o encenado e a vida cotidiana, entre a fantasia e a realidade, entre o que é revelado e o ocultado, e entre o observado e o observador. Nele nem tudo é completamente verdadeiro e nem completamente falso, o que faz que nenhum filme seja considerado inocente [...].

Deve-se compreender, portanto que é necessário um fundamento para a utilização do recurso. O filme deve ter como finalidade principal auxiliar na compreensão do conteúdo da matriz curricular. Caso não seja bem aplicado e trabalhado neste primeiro quesito, será difícil utilizá-lo com recurso para desenvolvimento de um senso geográfico, e acabará se tornando uma atividade maçante e sem um propósito evidente.

Na ânsia de tratar o recurso fílmico como uma ferramenta pedagógica, o professor deve assumir a postura de um pesquisador, cientista da educação. O educador que se propõe a visualizar a didática da utilização do filme como uma construção entre este e o aluno, deve:

Saber diagnosticar, levantar hipóteses, buscar fundamentação teórica e analisar dados são algumas das atividades que podem ajudar o trabalho do professor, quando se consideram as exigências da realidade atual e a complexidade da atividade da docência. (ANDRÉ; HOBOLD; PESCE, 2013; p. 10245)

Ao fazer isso, o docente consegue objetivar suas expectativas para a utilização do recurso e sistematizá-lo a fim de treinar o olhar do alunado para uma nova percepção da cinematografia.

### **Cinema Fantástico e Geografia: Possibilidades**

A ideia de trazer a cinematografia para o ensino de Geografia pode ser observado como um intento á interdisciplinaridade. Souza e Chiapetti (2007) já afirmavam que:

A preocupação com a interdisciplinaridade deve trazer uma nova visão didático-pedagógica do ensino de Geografia à formação do ser humano. Como interdisciplinar, o ensino de Geografia torna-se um espaço de interação, integração e compartilhamento de competências e saberes. (p.235)

Sendo assim, ao se preocupar em trazer um projeto interdisciplinar para a sua ministração, o docente propõe também uma nova maneira de ver o processo de ensino, mais integrado e em consonância com as representações artísticas da realidade.

Na tentativa de ampliar o leque de possibilidades para a utilização de recursos fílmicos na escola, o professor pode tentar explorar o tipo de referência cinematográfica que seus alunos desfrutam e tentar buscar nesses filmes fictícios a temática do componente curricular que se pretende trabalhar.

Visto que há uma grande aceitação pelo público pré-adolescente pelos filmes de fantasia, busca-se neste artigo traçar paralelos entre estes e os conteúdos ministrados nas aulas de Geografia nas séries finais do Ensino Fundamental. O filme de fantasia pode ser entendido como:

[...] aquele onde essa mesma causalidade mais se afasta das premissas realistas e das leis comuns do cotidiano. Aqui, as relações de causa-efeito como as conhecemos são constantemente desafiadas: seja na mente das personagens seja na mais reconhecível banalidade, tudo acaba por, a certo momento e em certas condições, se tornar possível. As leis do mundo e as suas premissas são quebradas e um novo regime de causalidade é instaurado: um novo tipo de explicações e de justificações entra em vigor (NOGUEIRA, 2010, p.27)

E como se pode, então, utilizar um gênero cinematográfico cuja principal ideia é a de instaurar uma série de explicações sobre o mundo que se afastam das reais, no ensino da ciência cuja epistemologia da própria palavra atribui a ela a responsabilidade sobre a “Escrita da Terra”?

Quando se fala sobre a construção de um universo fantástico, é necessário compreender que:

Estórias não se materializam do nada, mas crescem a partir dos materiais já presentes na história e na experiência humana. Do primeiro quadro, da primeira imagem o público inspeciona o seu universo ficcional, separando o possível do impossível, o provável do improvável. Consciente e inconscientemente ela quer saber suas ‘leis’, para aprender como e porque as coisas acontecem em seu mundo específico” (MCKEE, 2013, p 78).

Ou seja, a máxima acima exprime a necessidade de haver, primeiramente, uma realidade para que assim então possa construir-se um universo fantástico. Sendo numa análise da literatura que inspirou o filme ou em um estudo sobre a produção do material audiovisual, a realidade é a premissa da fantasia. Sendo assim, a fantasia corresponde a realidade, ao passo

em que a reinventa, a recria e lhe atribui um outro conjunto de elementos para que a possamos olhar sob outro prisma.

Tendo como base essa afirmativa, pode-se depreender então que alguns dos conteúdos abordados pela Geografia escolar estarão contidos nas produções fantásticas, possibilitando assim ao docente uma associação dos componentes curriculares com este gênero fílmico.

Como exemplo disso, temos a franquia *O Senhor dos Anéis* (2001-2003), uma adaptação feita pelo cineasta Peter Jackson da trilogia homônima de livros do universo fantástico de J.R.R. Tolkien. Apesar de toda mitologia envolvente e das técnicas computadorizadas utilizadas para produzir os filmes, as locações reais não foram dispensadas.



Imagem 1: Filmagens de *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* (2002). Disponível em [\[newzealand.com/br/feature/the-lord-of-the-rings-trilogy-filming-locations/\]](http://newzealand.com/br/feature/the-lord-of-the-rings-trilogy-filming-locations/). Acesso em 2018

As filmagens da trilogia aconteceram em diversas regiões da Nova Zelândia, país de origem da maioria dos membros da equipe de produção do filme. As montanhas e fiordes agradam a vista e podem ser utilizados como ferramenta didática no 6º ano para o ensino da Geomorfologia e também na conceituação de Paisagem e Lugar, já que houve uma identificação da parte dos produtores ao idealizar o espaço ficcional criado pelo Tolkien. Essa identificação dá margem para perceber a *Topofilia*, ou seja, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico.” (TUAN, 1980. p. 5).

Outro exemplo de como o universo dos filmes fantásticos pode ser utilizado para ministrar conteúdos de Ensino Fundamental está nos filmes de super-herói. Os atuais *blockbusters*, adaptados do universo de banda desenhada tem movimentado a indústria do cinema e feito emergir uma geração de novos admiradores de personagens que foram

populares entre os anos 1980 e 1990. Santos (1995), ao explicar sobre adesão dos super-heróis, conta que:

A década de 80 assistiu à falência de ideologias, ao medo paranoico de uma guerra atômica, ao individualismo consumista, à mistura de conceitos nas teorias e de estilos na arte, à disseminação de doenças fatais, à queda de regimes políticos autoritários, à emergência de novas potências econômicas, à preocupação com a destruição do meio ambiente e à volta do conservadorismo político e moral. (p. 53)

As histórias que seriam produzidas, então levariam em conta o contexto histórico em que os leitores estariam inseridos. Sendo assim, o herói salvaria os seus admiradores, mesmo que em uma perspectiva ficcional.



Imagem 2: Pôster do filme *O Espetacular Homem-Aranha* (2012). Disponível em [<http://netcine.us/espetacular-homem-aranha/>]. Acesso em 2018

Sobre a cultura massificada criada pelos filmes de heróis, Merenciano (2011) escreve que:

Para que o espectador se identifique com as produções de cinema, elas devem mobilizar temas e figuras, apropriar-se de mitos, clichês, enfim, ressemantizá-los de acordo com o tipo de público que pretendem agradar. Destinando-se, portanto, a um público diverso, buscam obter o sucesso. Uma das imagens com a qual públicos de audiovisual e leitores se identificam é a do herói. (p.3)

O público infanto-juvenil, alvo destas produções, é fisgado com facilidade pelo universo fantástico disposto nas histórias de herói, justamente por ela possuir elementos que, apesar de serem considerados clichês, ainda provocam euforia nos expectadores.

Problematizar o motivo dessa fascinação com alunos do 9º ano e o conteúdo referente aos Estados Unidos poderá gerar um bom debate sobre as questões de cultura de massa e indústria cultural, levando em conta que as produções culturais servem “contraditoriamente a dois senhores: à consciência e à alienação; ao conhecimento e à fetichização da realidade; ela é criativa e também paralisadora” (COHEN; KLAWA, 1977, p. 105).

Além disso, os elementos paisagísticos podem mais uma vez ser explorados e trabalhados. No cartaz mostrado na imagem 2, por exemplo, enxerga-se com clareza a cidade por trás da figura do Homem-Aranha. Observa-se a contingência de discutir a urbanização no 7º ano do Ensino Fundamental utilizando como base os feitos do herói, havendo também a possibilidade de pautar um debate sobre a vida urbana atual e de como ela é restrita aos grandes centros, sendo seus moradores quase incapazes de morar em uma situação não urbanizada (afinal, o próprio Homem-Aranha não encontraria serviço em suas teias caso fosse convocado para lutar em uma cidade não verticalizada).

Por último, outro recurso que poderia ser utilizado para trabalhar alguns assuntos em classes de Ensino Fundamental são os filmes da franquia *Harry Potter* (2001-2011). Também provenientes de uma série homônima de livros, publicados pela inglesa J.K. Rowling.



Imagem 3: Expresso Hogwarts. Disponível em <https://mdemulher.abril.com.br/familia/expresso-hogwarts-harry-potter-resgata-familia-escocia/>. Acesso em 2018

Existem inúmeras possibilidades para explorar o universo do menino Harry e seus amigos (e inimigos) bruxos. A mais pertinente delas seria sobre os tipos de indústrias. Trazer para os alunos do 8º ano uma análise sobre indústrias de base, indústrias de bens-duráveis e não-duráveis a partir de elementos da produção, como por exemplo o Expresso de Hogwarts (imagem 3).

Há ainda uma série de outros filmes do gênero que podem ser utilizados para o ensino da Geografia no nível Fundamental. Sobre a busca de novas formas para recriar as ministrações das aulas de Geografia, Kimura (2011) escreve:

Na empreitada de se buscar as possibilidades para um ensino de Geografia considerado bem-sucedido, entende-se que encontrará condições mais favoráveis se acontecer com a resolução daqueles aspectos gerais da escola e da educação. Ou seja, trabalha-se, como sempre, com a relação entre o particular e o geral (p.19)

A partir deste escrito, depreende-se que é necessário analisar contextos particulares a fim de encontrar condições favoráveis para a aplicação de uma determinada didática. As turmas que serão envolvidas com o uso do recurso precisam, primeiramente mostrar interesse em utilizá-lo no processo ensino-aprendizagem. Depois, o docente precisa sondar o alunado a fim de compreender o gênero audiovisual que mais interessa àquela turma. Por fim, é necessário trabalhar a ideia do filme como um recurso didático e pedagógico, e não simplesmente como um momento de entretenimento na escola.

## **Conclusões**

O professor é criado pelas idealizações. Durante sua formação, ele é munido pela perspectiva romantizada e salvadora da educação, enquanto que em sua atuação, ele vive a mercantilização da escola e da profissão docente. Ambos ideais são extremos e o afastam de viver a recriar a educação, visto que esta também é uma ciência. Acredita-se que quando o professor se enxerga enquanto ser ativo dentro do processo de ensino-aprendizagem, este consegue trazer novas perspectivas didáticas para a sala de aula.

Utilizar o cinema fantástico dentro do ensino fundamental é uma visão teórica acerca dos métodos de ensino da geografia. Os impasses que existem dentro das dinâmicas escolares devem ser estudados como componentes da sistematização desse tipo de aula. Na utilização de um método alternativo, não apenas a criatividade deve ser levada em conta, mas também as problemáticas existentes na realidade, para que estes possam ser transformados em ferramentas de reinvenção do que pretende ser apresentado.



O cinema evoca uma nova realidade, seja a partir de ideologias incutidas em sua produção, ou através das histórias fictícias narradas. Essa utopia (ou distopia, em alguns casos) criado pelo universo cinematográfico trabalha do imaginário humano e pode ser utilizado como recurso para o ensino. Cabe ao professor, neste caso, ao que ministra aulas de geografia, perceber as espacialidades dessa ferramenta e transportá-las para dentro de sala, abrindo assim uma nova perspectiva para o alunado.

### Referências Bibliográficas

CAMPOS, Rui Ribeiro de Campos. Cinema, geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v.4, n.1, p. 1-22, Jun. 2006.

COHEN, H; KLAWA, L. Os quadrinhos e a comunicação de massa. In: MOYA, A. **Shazam**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

COMOLLI, J.L. 2008. **Ver e poder**: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte, UFMG, 373 p.

DIAS, M. **Quais tipos de indústria você encontraria no universo de Harry Potter?**. Disponível em: [<https://descomplica.com.br/blog/geografia/quais-tipos-de-industria-voce-encontraria-universo-de-harry-potter/>.] Acesso em junho de 2018

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico**: Questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MCKEE, Robert. **STORY**: Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2013.

MERENCIANO, L. H. Cinema hollywoodiano e cultura de massa – entre leitores, espectadores e expectativas. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada**. Araraquara, UNESP, 2011.

NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, D. (org.) **caderno de cinema do professor**: dois. São Paulo: FDE, 2009

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II**: Géneros Cinematográficos. Cavilhã, LabCom Books, 2010.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote; Instituto de Inovação Educacional, 1997.

PESCE, M.K.; ANDRÉ, M.E.D.A; HOBOLD, M. de S. Formação do Professor Pesquisador: Procedimentos didáticos. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013

ROSSINI, Miriam de Souza. O lugar visual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta (orgs). **História e linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

SANTOS, R. E. O caos dos quadrinhos modernos. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo: ECA-USP, 1995.

SOUZA, M. E. A. de S.; CHIAPETTI, R. J. N. O ensino de Geografia como um caminho para o desenvolvimento de competências. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, J. N. (orgs). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re) pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo, Difusão Editorial S.A. 1980.